

TRAÇOS ACIZENTADOS DO COTIDIANO EM PRIMO LEVI

GREYISH FEATURES OF THE DAILY IN PRIMO LEVI

*Bernardo Elizeu de Queiroz Monteiro**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

RESUMO: Vítimas de experiências costumam ver-se modificadas por elas. No caso de Primo Levi, isso pode ser verificado na narrativa de *É isto um homem?* e *A trégua*. Os livros tratam de sua passagem como vítima do Nazismo. Tais narrativas, contudo, não se resumem a relatar as experiências mais traumáticas e de maior ressonância histórica vividas. Micro-histórias e outras narrativas, muitas delas tratando de assuntos relativos ao cotidiano em situações-limite, é que dão o tom de suas páginas. Assim, absorve-se o nível de angústia que acomete Levi: como o Homem é capaz de se transformar em um outro, perdendo-se de si mesmo, e como isso pode transformar vítimas em algozes.

PALAVRAS-CHAVE: Cinza. Primo Levi. Auschwitz. Memória. Trauma.

ABSTRACT: Experience victims often are subject to alteration by them. In Primo Levi's case, this can be seen in this narrative of *É isto um homem?* and *A trégua*. The books are about his time as a victim

* Mestre em Letras/ Estudos de Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio) em 2009. Licenciado em Língua Portuguesa pela Universidade Candido Mendes em 2010. Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso, em 2004. Atualmente é doutorando em Letras/Estudos de Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: bernardoelizeu@hotmail.com

of Nazism. Such narratives, however, are not limited to reporting the most traumatic experiences and of greater historical resonance. Micro-narratives and other stories, many dealing with matters relating to daily life in extreme situations, dictate the tone of its pages. Thus, it absorbs the level of anxiety that affects Levi: how Man is able to being transformed into another, losing from himself, and how it can turn victims into executioners.

KEYWORDS: Grey. Primo Levi. Auschwitz. Memory. Trauma.

TRAÇOS ACIZENTADOS DO COTIDIANO EM PRIMO LEVI

1. A VITÓRIA CINZENTA (PARTE 1)

A culpa de se estar vivo talvez seja a marca mais inconfundível nas vítimas de catástrofes. Não apenas pela angústia de terem de reconhecer sua impotência diante do imponderável, cuja maquinaria, sempre indiferente tanto a quem afeta quanto por quem trabalha, nunca pararia de girar suas engrenagens, mas pelo fato de as noções de mérito e justiça soarem inócuas diante dos fatos. Não são poupados por estes os mais virtuosos, nem mesmo os melhores. O imponderável pode estar a favor daqueles que apresentem os méritos, mesmo os mais eticamente questionáveis – como, por exemplo, a criação de subcastas entre o próprio grupo de vítimas dos campos de concentração, algo retratado por Primo Levi em duas obras de caráter autobiográfico –, a fim de sobreviver diante de quaisquer adversidades; no entanto, a sorte não trabalha necessariamente em conluio com a meritocracia – e tampouco com a justiça.

Diante desse imponderável, uma espécie de angústia aparvalhada aparece a todo instante na voz do narrador de *É isto um homem?* (LEVI, 1987), livro que relata as agruras sofridas pelo autor nas mãos do regime nazista. Essa angústia, afinal, afigura-se no assombro de Primo Levi por ver homens fortes e bravos perecerem; na culpa por desejar o fim de seu pai pelo fato de

a fraqueza deste representar um risco à sobrevivência do autor do livro; e na tristeza por observar, até, que certos homens se entregam à animalidade inerente ao desespero pela sobrevivência, e que Levi, por algum motivo, não conseguia fazê-lo - pelo menos, não totalmente.

Já sua outra obra, *A trégua* (LEVI, 2010), de certa forma metaforiza o eterno regresso judeu ao detalhar o caminho do jovem Levi da Polônia até sua casa, na Itália. O que significaria voltar à sua terra no pós-guerra (esta ainda seria a prometida?) para aqueles judeus - e, claro, para o próprio autor? Como esta obra continua a narrativa dos fatos supostamente verídicos - ao usar o advérbio “supostamente”, refiro-me a micro-histórias e microrrelatos, não ao próprio campo de concentração, o *Lager*, inequivocadamente corpóreo em sua historicidade - iniciada em *É isto um homem?*, pode-se afirmar que, de certa forma, Primo Levi responde a esta questão - ou, pelo menos, tente fazê-lo.

Estes livros trabalham com dois paradigmas muito caros aos judeus: a imponderabilidade e o retorno à terra prometida. Aquela demonstra, afinal, que, pelo menos para Levi, nunca houve um Povo Eleito, pois não existe justiça divina; este, a ideia de que nunca se volta a casa, pois não há mais casa. Afinal, se o escritor e químico italiano ainda era um homem ao final daquela vivência em Auschwitz, certamente já não era o mesmo de antes.

A verdade e a justiça, afinal, não “importam” para Primo Levi, mas o processo de imponderabilidade que se cria a partir dali, conforme eu apontei no início deste trabalho. Imponderável não significa algo ausente de sentido lógico: significa que este possui regras inomináveis, impalpáveis. É como se aquele campo de concentração fosse um sistema solar, indiferente, amoral, em que suas figuras, regidas por forças de atração e repulsão, orbitassem cotidianamente, coabitando naquele espaço. E se a indiferença marcaria a relação entre todos os corpos deste sistema, os mais aptos seriam aqueles que pautassem sua existência pela manutenção do ciclo rítmico que gere a vida neste universo.

2. A BRUTALIDADE NOS PEQUENOS REGISTROS

A prosa de Primo Levi realiza um estudo do hábito que não se limita à análise das relações entre “poderosos” e “oprimidos”, como tentarei esclare-

cer mais à frente. A própria questão da memória, mimetizada em relatos que misturam experiências e pensamentos, fatos e imaginação, mostra a perda do sentido de si que toda experiência traumática acarreta.

Após uma experiência traumática, como já aponte, muitas vítimas sentem culpa por não terem perecido. As próprias circunstâncias sobre a morte de Primo Levi, ao cair da escada de casa, já idoso, podem deixar dúvidas quanto à possibilidade de ter se tratado de suicídio, e não de um acidente. O trauma modifica sua vítima, como atesta o “sonho dentro do sonho” d’*A trégua* (LEVI, 2010). Alimentado, reunido à família e no conforto do lar após as agruras da guerra, o narrador-personagem, neste trecho que serve de conclusão ao livro, evidencia a típica sensação de impotência que jaz na alma das vítimas. Espera-se um final feliz que não se confirma: não há trégua para a dor.

É um sonho dentro de outro sonho, plural nos particulares, único na substância. Estou à mesa com a família, ou com amigos, ou no trabalho, ou no campo verdejante: um ambiente, afinal, plácido e livre, aparentemente desprovido de tensão e sofrimento; mas, mesmo assim, sinto uma angústia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que domina. E, de fato, continuando o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, todas as vezes de forma diferente, tudo desmorona ao meu redor, o cenário, as paredes, as pessoas, e a angústia se torna mais intensa e mais precisa. Tudo agora tornou-se caos: estou só no centro de um nada turvo e cinzento. E, de repente, sei o que isso significa, e sei também que sempre soube disso: estou de novo no Lager, e nada era verdadeiro fora do Lager. De resto, eram férias breves, o engano dos sentidos, um sonho: a família, a natureza em flor, a casa. Agora esse sonho interno, o sonho de paz, terminou, e no sonho externo, que prossegue gélido, ouço ressoar uma voz, bastante conhecida; uma única palavra, não imperiosa,

aliás breve e obediente. É o comando do amanhecer em Auschwitz, uma palavra estrangeira, temida e esperada: levantem, “Wstawac”.

(LEVI, 2010, p. 213)

O cotidiano supostamente acolhedor não é refúgio nem morada. É como se esta vítima do sonho afirmasse: não sou mais quem fui antes do trauma, da experiência, e nunca poderei preencher-me na teatralidade do meu viver pós-traumático, que reproduz e ressignifica hábitos, signos e viveres a tentarem resistir em mim. A experiência transformadora daquele trauma foi tão intensa que seu fim não significava garantia de redenção.

Pelo contrário: o que se infere ao final d’*A trégua* (LEVI, 2010) é que, friso novamente, não há terra para voltar. Ou melhor, esta terra existe, obviamente, mas não como aquela de antes: o conhecido agora também assusta, pois o olhar que antes conhecia já não reconhece mais, não recobre como antes. Assim, o alívio pós-traumático não é apenas um desejo utópico, mas, antes disso, inócuo. Talvez este sonho metaforize o hábito como a mimetização de uma memória – ou seria da História, talvez – perdida.

Essa talvez seja uma das razões pelas quais os relatos de Levi se atêm tanto à domesticidade e ao cotidiano. Cito uma passagem de *É isto um homem?* em que o autor mostra os terrores inscritos no simples ato de dormir e de acordar (este, já evocado no sonho descrito anteriormente):

Enquanto dura a noite, porém, através desse constante alternar-se de sono, vigília e pesadelos, estão sempre presentes a espera e o terror do instante da alvorada. Graças a essa faculdade misteriosa comum a muitos, podemos, embora sem relógios, prever quase exatamente sua chegada. À hora do toque da alvorada, que muda conforme as estações mas que precede sempre, e muito, a aurora, toca insistentemente o sininho do Campo. Em cada Bloco, o guarda noturno acaba seu trabalho: liga as luzes, levanta-se, espreguiça-se e pronuncia a condenação de cada dia: - Aufstehen! (Levan-

ta) – ou, mais freqüentemente, em polonês: - Wstawac! Bem poucos são os que ainda dormem quando é pronunciada essa palavra: a dor desse instante é aguda demais para que, à sua aproximação, não se dissolva o sono mais profundo. O guarda noturno bem sabe disso; nem precisa gritar em voz de comando, fala em voz baixa e calma, será logo ouvido e obedecido.

A palavra estrangeira cai como uma pedra no fundo de cada alma. “Levantar”: a ilusória barreira dos cobertores quentinhos, o tênue invólucro do sono, a evasão, embora tormentosa, da noite, desabam ao redor de nós; estamos irremediavelmente despertos, expostos à ofensa, cruelmente nus e vulneráveis. Vai começar mais um dia igual aos outros, tão longo, que o seu termo é quase inconcebível; quanto frio, quanta fome, quanto cansaço nos separam, ainda, desse termo! Melhor concentrar a atenção e o desejo na forminha de pão cinzento, que é pequena, sim, mas que em breve será nossa e, durante cinco minutos (até que a tivermos devorado), constituirá tudo que a lei deste lugar nos permite possuir.

(LEVI, 1987, p. 62-63)

A expressão polonesa “Wstawac” denota uma ordem, conceito este intimamente ligado às ideias de subjugação e de medo. Ao refletir acerca dos temores ancestrais do Homem, Sigmund Freud afirmava, em *Das Unheimliche*, que a síndrome da castração foi substituída por outra fobia, que funcionaria como uma espécie de atenuante daquela: a de ficar cego. Assim, o medo do estranhamento estaria diretamente relacionado a tal temor primal - o estranho seria o novo, pois não enxergar é ter que (re)conhecer objetos cuja familiaridade viu-se destruída.

O que o psicanalista propunha, no entanto, ia além dessa fronteira inicial: o estranho, mesmo quando familiar, também poderia se tornar assustador: “Não é difícil verificar que essa definição está incompleta e, portanto, tentare-

mos operar para além da equação ‘estranho’ = ‘não familiar’” (FREUD, 1976, p. 239). Novamente me remeto ao sonho que fecha o livro *A trégua*. É na familiaridade e na superposição de objetos e realidades conhecidas por Primo Levi (a casa, a família, a cotidianidade do *Lager*) que se constrói seu maior terror. Sua zona de conforto vê-se alterada depois da II Guerra Mundial.

Segundo este viés, a experiência traumática seria um corpo estranho no indivíduo que ela está por vitimar: virulenta por ser-lhe “exterior”, uma vez que é inculcada por elemento externo. Este elemento, por conseguinte, é psiquicamente interiorizado e absorvido pelo vitimado. “Não se pode falar de acontecimentos traumáticos de maneira absoluta, sem considerar a ‘susceptibilidade’ (...) própria do indivíduo”, pontuam J. Laplanche e J. B. Pontalis (1983, p. 680), cujo olhar sobre o impacto do valor traumático na(s) vítima(s) pauta-se, principalmente, numa fala de Sigmund Freud sobre o “conflito psíquico que impede o indivíduo de integrar na sua personalidade consciente a experiência que lhe advém (defesa)” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 680).

Pensem, então, na experiência dos sobreviventes do Holocausto. Suas próprias micro-histórias compõem a rede de relações cotidianas submetidas a uma “ordem”, que é a História. Por isso, resgatam-se as micro-histórias para tentar entendê-la: seria esta talvez a “defesa” de que falava o psicanalista austríaco.

Se a familiaridade com algo não garante o fim da sensação de estranhamento, é por ocorrer exatamente o oposto disso: ela, familiaridade, é justamente o que o aciona. Lembremos que o sonho descrito acima mostra a opressão daquela experiência comprimida em uma só expressão, “Wstawac”, cuja *reverberação* foi capaz de não apenas alterar, de destruir, mas de *moldar-se* à cotidianidade do viver de quem ela estava por vitimar.

Mais do que escrava de um sofrer, sua vítima, Primo Levi, seria dominada, na verdade, pelo trabalho inconsciente daquele sofrer. Se nenhuma representação ficcional, conforme aponta Bernardo Carvalho no texto “A comunicação interrompida: *Estão apenas ensaiando*” (CARVALHO, 2009s/d), é capaz de dar conta da experiência real, tampouco esta experiência nos aterrorizaria, defendo, pela simples evocação racional em nossas lembranças. Sua manipulação é, na verdade, inconsciente: faz-se na associação de

cenários, gestos e vozes, como aquela ordem em polonês que aterroriza Levi e é evocada no tal sonho.

O químico italiano esteve aprisionado no campo de concentração de Auschwitz por cerca de um ano. Quando decidiu relatar sua experiência, contudo, mesclou às tragédias vividas e testemunhadas relatos cotidianos supostamente banais, que, de alguma forma, dessem conta de tudo que seria “anti-histórico”, ou melhor, cujas bordas estivessem além da História. Neste relato não eclodem “apenas” matanças, escravidão e trabalhos forçados; sendo estas feridas ou chagas, esta narrativa atém-se também a suas secreções. Realiza-se, assim, uma espécie de relação autofágica – termo o qual retomarei mais tarde – entre terror e cotidiano:

Infundáveis e insensatos são os rituais obrigatórios: cada dia, de manhã, deve-se arrumar a cama, perfeitamente plana e lisa; passar nos tamancos barrentos a graxa patente para isso destinada; raspar das roupas as manchas de barro (as de tinta, gordura e ferrugem, pelo contrário, são admitidas); à noite, a gente deve submeter-se ao controle dos piolhos e ao da lavagem dos pés; aos sábados, fazer-se barbear e raspar o cabelo, cerzir ou fazer-se cerzir os farrapos; aos domingos, submeter-se ao controle geral da sarna e ao dos botões do casaco, que devem ser cinco.
(LEVI, 1987, p.32)

3. A (IM)POTÊNCIA DA MEMÓRIA

Pensarei aqui o testemunho como o resultado do choque, da fricção e da mistura entre o absurdo e o banal. No ensaio “Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar”, Shoshana Felman diz considerá-lo uma espécie de excesso,

composto de pequenas partes da memória que foram oprimidas pelas ocorrências que não tinham se assen-

tado como compreensão ou lembrança, atos que não podem ser construídos como saber nem assimilados à plena cognição, eventos em excesso em relação aos nossos quadros referenciais. (2000, p. 18)

O que fazer com este excesso de memórias? Acredito que seu “peso” é que acabe por derrubar o castelo de cartas da realidade aparente no sonho que encerra *A trégua* (LEVI, 2010). Ele, afinal, revela um terror cuja concretude faz-se preponderante: é a partir da corporalidade (em que ruem cenários, paredes, pessoas) dessas lembranças que fica evidente o caráter orgânico daquele sentir.

No sonho supracitado, tal choque, reforço, metaforiza o próprio embate entre os corpos que dividiam aquele espaço do campo de concentração. Suas relações, fossem elas vítimas ou opressores, figuravam como meros acidentes – sobreviver era mais sorte do que mérito, ratificava Primo Levi – em relações cotidianas cujas micro-histórias e testemunhos particulares estivessem à sombra da concretude daquele Real: o próprio campo em Auschwitz. A descrição de Primo Levi das partidas de futebol disputadas entre os oficiais da SS e integrantes do *Sonderkommando*, por exemplo, recebeu o seguinte comentário de Giorgio Agamben em seu livro *O que resta de Auschwitz*:

Essa partida poderá parecer a alguém como se fosse uma breve pausa de humanidade em meio a um horror infinito. Aos meus olhos, porém, como aos das testemunhas, tal partida, tal momento de normalidade, é o verdadeiro horror do campo. Podemos, talvez, pensar que os massacres tenham terminado – mesmo que cá ou lá se repitam, não muito longe de nós. Mas aquela partida nunca terminou, é como se continuasse ainda, ininterruptamente.

(AGAMBEN, 2008, p. 35)

É como se o testemunho não deixasse de ser a própria compartimentação da História. O sentido totalizante da narrativa 1 (escravidão e morte nas

mãos dos nazistas) continua a existir, sólido, em toda sua perenidade. Mas é na narrativa 2 (relações cotidianas em condições extraordinárias), como a partida de futebol acima, em que se dá conta do vigor e do peso da primeira narrativa sobre suas personagens. Se se optasse apenas pela macrovisão da História em um relato, ela se veria irrevogavelmente aprisionada em seu caráter generalizado, *coletivizante*. Por isso, afirma Shoshana Felman (2000) toda testemunha evoca do alto de sua individualidade experiências que se refletem em vivências de ordem coletiva. Neste caso, o pensar histórico se faz através e além de quem o relata.

Em *Rua de mão única*, Walter Benjamin (1987) fala sobre sua infância. Ao recordar um jogo de letras desta época, diz:

A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar; porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo (BENJAMIN, 1987, p. 105).

Já *História e Narração em Walter Benjamin*, livro da professora de filosofia da PUC de São Paulo Jeanne Marie Gagnebin (1994), debruça-se sobre o aspecto autobiográfico da escrita de Benjamin, cujas memórias da infância pudemos observar na obra que abre este parágrafo:

Benjamin declara que foi difícil para esse sujeito ‘acostumado a ficar durante anos no segundo plano’ simplesmente ‘subir ao palco’. Este sujeito tímido, continua Benjamin, não tentou protestar ou resistir, mas adotou os desvios do artil (...). Este crescimento surpreendente não é a obra do si consciente, mas, nos diz Benjamin, “a obra secreta da lembrança - que, de fato, é a capacidade de infinitas interpolações naquilo que foi -”; também é, e ao mesmo tempo, “a precaução do sujeito que pode exigir que seu ‘eu’ o represente, não o

venda.” Esta metáfora notável dissocia o sujeito do seu “eu” para estabelecer entre eles uma relação de representação no sentido político do termo (GAGNEBIN, 1994, p.74).

Interessante notar o trabalho de mão dupla de Benjamin: dissociar-se do seu eu enquanto olha para dentro de sua própria subjetividade, resgatando memórias. Será que estas duas vias seriam capazes de se cruzar? Em outro ponto, o texto disserta sobre a teoria da angústia (lembramos da alcunha “angústia aparvalhada” que utilizei páginas acima). Faço outra analogia ao trauma do Holocausto. O ego de suas vítimas, por exemplo, foi destruído pelo inimigo, algo já apontado por Levi nos “zumbis de listras” (judeus com as vestimentas de prisioneiros em Auschwitz) que tanto o chocam em *É isto um homem?*(1987). Este estudo, porém, diz que esta mesma destruição pode ser realizada pela própria vítima, como uma espécie de autodefesa do ataque externo.

Isso significa que são mais sábios ou experimentados aqueles que passam por experiências radicais? Não necessariamente, opina Walter Benjamin. É como se a História (ele fala da I Guerra; eu, ainda do Holocausto), asfixiada pelo “excesso” de experiências, fosse incapaz de servir-se delas: “é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie”, aponta, em sua obra *Magia e Técnica, Arte e Política* (BENJAMIN, 1994, p. 115)

Assim, as experiências se encerram em si mesmas como fenômeno. Sua rememoração trata-se de outro processo, uma absorção atemporal via memória de fatos segundo versões e vivências próprias. É o fim da visão tradicional da experiência (e da justiça?). Ela não ensina nada; devemos “livrar-nos” dela. Primo Levi, enfim, considera ter aprendido algo com o Holocausto? Sofrer é ficar mais sábio? Nas palavras do próprio Benjamin, “não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda a experiência” (BENJAMIN, 1994, p. 118). Lembrar não é se libertar, mas esquecer o é?

Compreender é aceitar o esquecer (ou melhor, o perder) do vivido. A infância é o tempo da memória. Memória que já não nos pertence. Não se é mais a criança que se foi, como não se detém mais a memória de quem se

foi. Não somos donos do que fomos, tampouco do que vivemos. Caçamos tais memórias como borboletas fugidias de uma vivência a espelhar a nossa sem nunca sê-la de fato.

O verbo “espelha” não é aleatório: pensemos no espelho. Vejo-me de frente para ele. Estendo minha mão direita e meu homônimo o faz com a esquerda, por exemplo. Se tento abraçar-me, vejo-me impedido pela própria materialidade do espelho. Ele me é estéril para este intento ao mesmo tempo em que se torna revelador dessa dualidade ou coexistência.

O tempo, ou melhor, a História seria esta materialidade que impede o “abraço” do Ser com sua memória. A completude não se realiza, mas pode-se ao menos olhar a outra reta que desce em paralelo à nossa. Quem sabe, mais à frente, não se descubra que seus ângulos imperceptíveis indiquem distantes cruzamentos?

Tendo isso em vista, é como se no “jogo” da literatura de Primo Levi o mais intrigante fosse o posicionamento surpreendente de peças cujos movimentos e regras pensávamos tão bem conhecer. Falei acima de um aspecto da infância segundo Walter Benjamin. Como pensar isto na escrita de Levi? Após supostamente apontar um reposicionamento, ou melhor, um (re)conhecimento dessas peças, o que o escritor e químico – friso novamente a *outra* profissão de Levi, o que não deixa de reforçar uma espécie de experimentalismo científico que me parece muito presente em seus escritos – teimosamente passou a fazer é desmoronar o próprio castelo de cartas por ele erigido, como um jogador que, em puro ato de autossabotagem, derrubasse as peças do tabuleiro não por medo de perder – mas exatamente pelo de ganhar.

Ou seja, tudo que se acumula e é construído em seus textos enquanto conceito, conhecimento, vê-se destruído pelo mesmo arquiteto – sobeja novamente o paradigma autofágico comentado acima.

4. A VITÓRIA CINZENTA (PARTE 2)

N’O *que resta de Auschwitz*, Giorgio Agamben (2008) explica que Primo Levi não se permite julgar o terror narrado apesar de ele ser uma testemunha daquela história. Acredito que seu caráter testemunha-vítima não lhe

adicione, necessariamente, mais escopo e tónus para posicionar-se acerca de tal vivência. Pelo contrário: as duas forças que o constituem se anulam mutuamente, tornando um posicionamento de sua parte não apenas improvável, mas inútil. Com isso, o escritor italiano desmistifica tanto vítimas quanto carrascos – ele não o faz por faltar-lhe uma verdade, mas pelo *excesso* dela.

Observemos, então, o uso da expressão “zona cinzenta” em *É isto um homem* (LEVI, 1987)?. A cor cinza indica um meio-termo entre o branco e o preto – não o fim da Verdade, repito, mas a existência em excesso de outras verdades. A expressão de Levi, contudo, não significa uma mera “relativização” da verdade. Esta palavra, friso, pode ser levemente perigosa, ainda mais por seu uso abusivo em tempos pós-modernos. Meu interesse, antes, é na estratificação do terror, cujos desmembramentos revelam camadas subjacentes de pequenos grandes horrores, sofrimentos, (re)definições e (re)distribuições de lugares de poder não apenas entre opressores e vítimas, mas na reorganização destas próprias.

Voltemos à zona cinzenta: ela evidencia, na verdade, o tom pardo duma desgraça que não se “realiza”. Ela, de certa forma, jaz impotente enquanto memória vivente por realizar tal diálogo apenas – ou majoritariamente – pelo subconsciente. Não se expõem as engrenagens da “máquina” que oprime Levi. Serão as vítimas da narrativa de Primo Levi matéria-prima dela ou apenas outros componentes da mesma?

Atentemos ainda à oração utilizada “não se realizar”, algo totalmente diferente de se negar a concretude da experiência vivente. Pelo contrário, é pensar que o poder de aniquilação desta experiência está justamente na própria estratificação de sua potência destruidora. Conforme indica o final da descrição do sonho, nada fora do *Lager* era – e jamais será – verdadeiro.

Devemos notar, assim, que esta expressão não trata necessariamente dos horrores inerentes a situações de extrema pressão pelas quais passam certas testemunhas – e, sim, dos instantes de normalidade que pautam a convivência e o cotidiano destas mesmas situações. Ou seja, os *excessos*, o resto, tudo aquilo cuja ressonância não seja contabilizada pelo consciente da mesma maneira que as vivências traumáticas de ordem empírica.

É como uma quebra rítmica do próprio horror, estilhaçado em pequenos atos que não “aliviarão” em nada o que chamarei de momentos-chave

(fome, mortes, cárcere, torturas). Estes estilhaçamentos, já exemplificados em citações dos dois livros de Primo Levi, apenas intensificariam a sensação de terror que nos invade ao descobirmos que a subjugação independe do comando ou da opressão alheia.

Ou seja, esta cotidianidade, este “horror menor” que subjaz sob o terror oficialmente instaurado, tem seu poder de opressão *hiperbolizado* justamente pela promiscuidade entre viver empírico e ressignificações de ordem subjetiva (ao esmiuçar as relações sociais do grupo do Kommando 98, por exemplo, no capítulo “Prova de Química” de *É isto um homem?*). Oriundo daquele “Real-agora” que era Auschwitz, e não o “Real-normal” que seria a vida dos prisioneiros antes do campo, o estranhamento não estaria ligado à falta, mas, sim, ao excesso de informações deste mesmo cotidiano. Explico minha última fala com dois exemplos extraídos de *É isto um homem?*: as conversas supostamente desprezíveis do campo que se revelavam aterrorizantes justamente pela maldade e mesquinharia reveladas no imprevisto maquiavélico do viver diário e as microrrelações de poder entre os próprios oprimidos.

Para tornar este raciocínio mais claro, pensemos neste exemplo: sob aquela lama sobreviviam sujeitos-verme que realizavam novas relações de convivência dentro do cotidiano de terror. Este novo cotidiano não estaria nem indiferente à opressão instaurada pelo comando das feras “de cima”, nem apenas influenciado por quem lhe comanda. Ou seja, atendo-me à linha anterior, havia entre as duas camadas, a branca e a preta, uma nuvem cinza. Essas figuras submersas redefinem seus códigos a partir do que foi instaurado pelos “de cima”, que, por sua vez, não estão indiferentes aos “de baixo”, as vítimas diretas, os subjugados. Estes, contudo, por motivos óbvios não seriam capazes de dar conta de apreender todos os sentidos e códigos daquelas microrrelações estabelecidas entre os oprimidos. A descrição do anão Elias, briguento, forte e embrutecido, serve para ilustrar isso:

Poderíamos nos perguntar: quem é esse homem? Um louco, incompreensível e extra-humano, que veio parar no campo? Ou algo atávico, fora do nosso mundo atual, e mais apto às primordiais condições de vida no Campo? Ou, pelo contrário, um produto do Campo:

o que todos nós acabaremos sendo, se não morreremos aqui, se o Campo não acabar antes de nós? As três hipóteses têm algo verossímil. Elias sobreviveu à destruição externa, porque é fisicamente indestrutível; resistiu à aniquilação interna porque é demente. Ele é, portanto, um sobrevivente: o mais apto, espécime humano mais adequado a esta maneira de viver (LEVI, 1987, p. 98-99).

A prodigiosa capacidade de sobrevivência de Elias, portanto, pode metaforizar uma espécie de supremacia do desconhecido. Sua demência e alienação representam o afastamento necessário que qualquer vítima de trauma deve possuir, a fim de não se abater com efeitos e consequências de determinada experiência. Conhecer sua situação somente o enfraqueceria: penso que sua coexistência com prisioneiros, guardas e o próprio *Lager* apenas lhe traria mais problemas caso ela não estivesse pautada pela margem, pelo que jaz ignorado. Afinal, conhecer e saber são verbos conjugados dentro de práticas cotidianas, cuja repetição e/ou instauração garantem seu caráter de repetitividade/previsibilidade. O poder de uma nuvem de fumaça se dá pelo excesso que ela provoca, confundindo a visão. E o conhecimento, por este viés, provocaria o mesmo em suas vítimas, sejam elas opressores ou oprimidos.

Logo, é possível se pensar numa prática cotidiana da vivência pelo terror: como as microrrelações de poder muitas vezes causavam mais estupefato do que o próprio terror em si que as originou. Este, afinal, faz parte do processo, conforme teoriza Agamben (2008). “A finalidade última da norma consiste em produzir um julgamento; este, porém, não tem em vista nem punir nem premiar, nem fazer justiça nem estabelecer a verdade. O julgamento é em si mesmo a finalidade” (AGAMBEN, 2008, p. 28). E é este processo que Primo Levi instaura: não indiferente por se abster de opinar sobre o vivido, mas por pensar o que levaria antônimos como carrasco e vítima a converterem-se, ali, num binômio ferozmente comum.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

_____. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CARVALHO, Bernardo. A comunicação interrompida: Estão apenas ensaiando. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. p.125-149.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: NETROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Editora Escuta, 2000.

FREUD, Sigmund. Das Unheimliche. In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago 1976.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1983.

LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

_____. *É isto um homem?*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

Recebido em: 16/01/14

Aceite em: 12/05/14